



Simpósio de Integração Acadêmica

“Bicentenário da Independência: 200 anos de ciência, tecnologia e inovação no Brasil e 96 anos de contribuição da UFV”

SIA UFV 2022



Tecendo os caminhos da memória: solo físico e simbólico nas comunidades atingidas pelo rompimento da barragem do Fundão, Mariana-MG

Thais Monteiro de Jesus¹; Irene Maria Cardoso¹; Nancy Aide Cardona Casas¹; Talita Guarconi²; Arthur Q. Rosin³; Paloma P. Dias¹

¹Departamento de Solos; ²Departamento de Engenharia Florestal; ³Departamento de Medicina Veterinária
Universidade Federal de Viçosa – UFV

Palavras-Chave: agroecologia; qualidade do solo; rituais; comunidades tradicionais

Introdução

O processo de modernização, sob a perspectiva colonizadora, subjuga os conhecimentos populares ancestrais desconsiderando-os e entendendo as manifestações da vida enquanto recursos a serem explorados. Isto leva a perdas dos espaços de reprodução da vida nas comunidades tradicionais e de simbolismos.

Objetivos

Identificar e compreender as perdas ou enfraquecimento dos rituais ocorridos devido ao rompimento da barragem do Fundão, em Mariana (MG).

Material e Métodos

Foram realizadas entrevista semiestruturada e caminhada transversal na comunidade de Campinas em uma unidade familiar atingida pelo rejeito e observações participantes foram feitas durante intercâmbios agroecológicos. Os dados foram sistematizados e analisados utilizando análises de conteúdo.



Figura 1 – Intercâmbio agroecológico em Barra Longa - MG

Resultados e Discussão

Em um longo ciclo de relação com a terra, os/as agricultores/as produzem saberes em relação aos plantios, manejo e hábitos alimentares. Percebeu-se a firmeza e orgulho das pessoas nascidas na região e que ainda residem e resistem naquele lugar e que trazem lembranças de seus antepassados e dos tempos compartilhados. O rompimento da barragem levou a ruptura da memória construída a partir da observação do ambiente e repassadas pelos ancestrais a partir do registro oral.

Esta ruptura criou cenários de antes e pós o rompimento. Durante a entrevista, a indignação a respeito das mudanças na capacidade produtiva do solo, da perda de autonomia alimentar e das mudanças drásticas no estilo de vida foram expressas. A mandioca, uma planta ancestral, e as práticas e simbolismos a ela associados foi um dos temas mais salientados. O cultivo da mandioca, para os povos tradicionais, segue um conjunto de conhecimentos associados ao manejo, ferramentas e técnicas utilizadas no preparo do solo ao beneficiamento e formas de seu uso. A mineração desconsiderou a relação das pessoas com seus cultivos, a exemplo da mandioca, colocou a comunidade em situação de insegurança alimentar e abriu as portas para a entrada de uma cultura hegemônica a partir da ótica capitalista. Tais atitudes, apagam a identidade da comunidade a partir da ruptura dos ritos individuais e coletivos com o fim de lucrar e controlar.

Conclusões

A vida é feita de ritos, tecidos pelas raízes na construção da identidade. Um povo sem identidade é vulnerável e manipulável facilmente. Portanto, enquanto forma de fortalecimento, sobrevivência e superação da crise civilizatória que ameaça o futuro da espécie é preciso reconhecer os saberes tradicionais, preservar e ativar a memória biocultural, como preconizado pela agroecologia. A memória é o que fortalece e move nossos sonhos na construção de quem somos e é responsável pela sobrevivência da espécie humana. Os principais guardiões da memória são os povos tradicionais e o campesinato. A memória se expressa no saber tradicional compartilhado e reproduzido por meio do diálogo entre as gerações e que promove então, uma modernidade que considera a tradição enquanto base coevolutiva.

Apoio Financeiro

Ministério Público do Trabalho de Minas Gerais

Agradecimentos

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA), Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM) e Escola Família Agrícola Paulo Freire (EFAP)